

# J. KENNER

A nova série da vencedora do prémio  
MELHOR ROMANCE ERÓTICO 2014

Para os fãs  
dos livros de  
E L James  
e Sylvia Day

## Chama-me

Ele deseja-a.  
E tudo fará  
para a possuir.

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha família. Porque já todos  
se habituaram a que a mãe ande por aí  
com histórias na cabeça.*

**O** som dos rotores do helicóptero ocupa-me a mente como um sussurro, uma mensagem secreta a que não posso fugir. *Ele não, agora não. Ele não, agora não.*

Contudo, sei perfeitamente que a minha prece é inútil, as minhas palavras de nada servem. Não posso fugir. Não posso esconder-me. Tudo o que posso fazer é continuar tal como estou — a lançar-me a 160 quilómetros por hora numa rota de colisão com um destino a que julgava ter escapado há cinco anos. E com o homem que deixei então.

Digo a mim mesma que já não quero esse homem — mas não posso negar que preciso dele desesperadamente.

Aperto com mais força o exemplar da *Architectural Digest* que tenho no colo. Não preciso de olhar para a capa para ver o homem que ali está. Continua tão nítido na minha memória como nessa altura. O cabelo preto e lustroso, apenas com um toque de cobre quando o sol o atinge de determinada maneira. Os olhos de um azul tão profundo que daria para mergulhar neles.

Na revista, ele está descontraidamente sentado num canto da secretária, com as calças cinzento-escuras a revelarem um vinco perfeito. A camisa branca engomada. Os botões de punho a cintilar. Atrás dele, espreita o horizonte de Manhattan, emoldurado num painel de vidro. Ele exala determinação e confiança mas, na minha mente, eu vejo mais do que isso.

Vejo sensualidade e pecado. Poder e sedução. Vejo um homem de colarinho aberto e gravata desapertada. Um homem completamente à vontade na sua própria pele, que conquista uma sala assim que entra nela.

Vejo o homem que me queria.

Vejo o homem que me aterrorizava.

*Jackson Steele.*

Lembro-me da forma como a sua pele roçava na minha. Até me lembro do seu cheiro, a madeira e a almíscar, com um travo de algo fumado.

Sobretudo, lembro-me de como as suas palavras me seduziam. De como ele me fazia sentir. E agora, aqui sobre o Pacífico, não posso negar a corrente de excitação que me percorre, simplesmente pela perspectiva de voltar a vê-lo.

E isso, claro está, é o que me assusta.

Como que para enfatizar tal ideia, o helicóptero faz uma descida acentuada, o que me provoca um sobressalto no estômago. Estendo uma mão para me apoiar, encostando-a à janela ao mesmo tempo que olho para o índigo profundo do oceano Pacífico lá em baixo e para a linha costeira irregular a recuar lá ao longe.

— Estamos a chegar, menina Brooks — diz o piloto um pouco depois, numa voz límpida como cristal através dos meus auscultadores. — São só mais uns minutos.

— Obrigada, Clark.

Não gosto de viagens aéreas e não gosto sobretudo de helicópteros. Talvez tenha uma imaginação hiperativa, mas não sou capaz de me livrar da imagem mental de dezenas de parafusos e fios absolutamente essenciais a serem afrouxados pelo movimento persistente destas máquinas constantemente a vibrar.

Já aceitei que não posso evitar viagens ocasionais de avião e de helicóptero. Quando se trabalha como assistente executiva de um dos homens mais abastados e poderosos do mundo, as viagens aéreas fazem parte do pacote. Mas, ainda que me tenha resignado a essa realidade — e até tenha conseguido adotar uma abordagem algo zen em relação a tudo isso —, continuo a ficar muito aflita durante as descolagens e as aterragens.

Há algo horrivelmente antinatural na forma como a terra se eleva para vir ao nosso encontro enquanto nos inclinamos em direção ao solo.

Não que eu consiga ver o solo. Tanto quanto me é dado a perceber, continuamos por completo sobre água e estou prestes a chamar a atenção para esse pequeno facto quando uma nesga da ilha aparece na minha janela. *A minha ilha*. Basta-me vê-la para sorrir e depois inspiro fundo uma e outra vez, até me sentir razoavelmente calma e recomposta.

É claro que a ilha não é realmente minha. É propriedade do meu patrão, o Damien Stark. Ou, para ser mais específica, é uma das Propriedades de Férias Stark, uma divisão dos Empreendimentos Imobiliários Stark, a qual por sua vez faz parte da Stark Holdings, subsidiária da famosa Stark International, uma das empresas mais lucrativas do mundo, que pertence a um dos homens mais poderosos do mundo.

Para mim, porém, é como se a ilha de Santa Cortez fosse minha. A ilha, o projeto e todo o potencial que contém.

Santa Cortez é uma das mais pequenas Ilhas do Canal da Califórnia, que se encontram ao largo da costa californiana. Situada um pouco atrás de Catalina, serviu durante muitos anos como base naval, juntamente com a Ilha de San Clemente. Ao contrário desta última, que continua a ser ocupada pelo exército e contém uma base militar, casernas e vários outros sinais de civilização, Santa Cortez carece de qualquer tipo de empreendimento; foi usada para combates corpo a corpo e para treinos militares. Pelo menos, foi isso que me disseram. A marinha não é propriamente conhecida por ser muito franca em relação às suas atividades.

Há vários meses, eu tinha reparado num pequeno artigo no *Los Angeles Times* que falava da presença militar na Califórnia. O artigo referia as duas ilhas, mas indicava que o exército estava a encerrar as operações em Santa Cortez. Apesar de não constar ali qualquer outra informação, levei o artigo a Stark.

— É capaz de ser posta à venda e, se assim for, calculei que devíamos agir depressa — disse-lhe quando lhe passei o artigo.

Tinha acabado de o atualizar quanto ao que tinha agendado para aquele dia e estávamos a avançar rapidamente pelo corredor que nos

levaria a uma sala de conferências onde nada menos do que 12 executivos da banca de três países diferentes o aguardavam, juntamente com o advogado de Stark, Charles Maynard, para dar início a uma reunião marcada havia muito tempo com o propósito de discutirem a estratégia fiscal e de investimentos da empresa.

— Sei que tem andado à procura de potenciais localizações para uma estância turística para casais nas Baamas — prossegui —, mas, já que ainda não encontramos uma ilha adequada, ocorreu-me que, entretanto, um local para uma escapadela em família com um acesso mais facilitado aos Estados Unidos poderia ter verdadeiro potencial como modelo de negócios.

Ele tinha pegado no jornal, lendo enquanto caminhava, e depois parou diante das portas de vidro da sala de conferências. Eu já lhe conhecia bem o rosto, ao fim de cinco anos sob a sua alçada, mas, naquele instante, não fazia ideia do que estaria a pensar.

Devolveu-me o artigo, ergueu um dedo para me indicar que esperasse e entrou na sala, dirigindo-se de imediato àqueles homens:

— Meus senhores, peço imensa desculpa, mas surgiu um imprevisto. Charles, será que podes conduzir a reunião?

E depois voltou ao corredor onde eu estava, sem se dar ao trabalho de esperar pela resposta do Maynard ou pela aquiescência dos executivos, absolutamente confiante de que tudo correria sobre rodas e tal como ele pretendia.

— Telefone ao Nigel Galway, no Pentágono — indicou-me enquanto seguíamos pelo corredor em direção ao seu escritório. — O número dele está na minha agenda pessoal. Diga-lhe que eu gostaria de adquirir a ilha. Depois entre em contacto com o Aiden. Ele foi ao estaleiro da Century City para ajudar o Trent a lidar com um problema qualquer que surgiu durante a construção. Pergunte-lhe se pode ausentar-se durante o tempo suficiente para almoçar connosco no The Ivy.

— Oh — exclamei, a tentar perceber. — Connosco?

Ligar a Aiden fazia sentido. Aiden Ward era o vice-presidente dos Empreendimentos Imobiliários Stark, e naquele momento estava a supervisionar a construção do Stark Plaza, um trio de edifícios de escritórios

perto de Santa Monica Boulevard, em Century City. O que eu não percebia era por que motivo o Sr. Stark me queria presente no almoço, dado que o seu costume era simplesmente informar-me posteriormente acerca de quaisquer pormenores que surgissem nas reuniões e aos quais eu tivesse de dar algum seguimento.

— Se vai encabeçar este projeto, faz sentido que esteja presente na reunião inicial.

— Encabeçar? — Sinceramente, tinha era a cabeça a andar à roda.

— Se está interessada em empreendimentos imobiliários, sobretudo tratando-se de projetos comerciais, não poderia pedir um mentor melhor do que o Aiden — disse ele. — É claro que vai ter de trabalhar mais horas. Vou continuar a precisar de si, mas poderá delegar trabalho tanto quanto lhe parecer necessário. Seja como for, julgo que a Rachel gostaria de acumular mais umas horas — acrescentou, referindo-se à assistente dos fins de semana, Rachel Peters.

» Use como modelo o plano de negócios que o Trent criou para a proposta das Baamas e crie o seu próprio projeto, com uma cronologia. — Olhou de relance para o relógio. — Não vai conseguir acabar antes da hora de almoço, mas já dará para nos debruçarmos sobre alguns pontos principais. — Fitou-me os olhos e eu vi o humor nos seus. — Ou será que estou a presumir demasiado? Pensei que o ramo imobiliário era um dos seus interesses, mas se não quiser assumir funções de gestão...

— Não! — A palavra saiu-me de chofre, estando eu de ombros rígidos e costas direitas. — Não. Quero dizer, sim. Quero dizer, sim, Sr. Stark. Quero trabalhar neste projeto.

O que queria mesmo era não estar a hiperventilar, mas não tinha a certeza absoluta de que isso fosse possível.

— Bom — concluiu ele. Tínhamos chegado à minha secretária, na área da receção, diante do gabinete dele. — Telefone ao Nigel. Marque o almoço. E logo veremos.

*Logo veremos* foi o que me trouxe numa linha mais ou menos reta até este momento. Sou oficialmente a gestora de projeto da Estância Cortez, uma Propriedade de Férias Stark. Pelo menos, é o que sou hoje.

Espero ainda o ser amanhã. Porque é essa a questão, não é? Se a notícia que recebi há duas horas vai destruir o projeto de Santa Cortez, ou se conseguirei salvar o projeto, juntamente com a minha carreira incipiente na área dos empreendimentos imobiliários.

Que pena precisar do Jackson Steele para que isso se concretize.

O meu estômago dá voltas desagradáveis enquanto me convenço de que não devo preocupar-me. O Jackson há de ajudar-me. Tem de o fazer, pois neste momento tudo o que quero depende dele.

Tendo em conta os meus nervos em franja, fico particularmente grata por a aterragem ser suave. Guardo a revista no meu saco de cabedal, tiro o cinto de segurança e espero que Clark me abra a porta. Assim que o faz, inspiro o odor fresco do oceano e ergo o rosto para sentir a brisa. Fico logo melhor, como se nem as minhas preocupações, nem os meus enjoos pudessem rivalizar com a beleza pura deste sítio.

Realmente, é belo. Belo e imaculado, com ervas e árvores nativas, dunas e praias cobertas de conchas.

O que quer que o exército tenha andado a fazer aqui, isso não prejudicou o habitat natural. Na verdade, os únicos sinais de civilização encontram-se exatamente onde aterrámos. Esta área tem uma pista de asfalto suficiente para dois helicópteros, uma doca para barcos, um pequeno edifício de metal que serve para armazenar material e outro pequeno edifício que contém dois sanitários portáteis. Também há uma retroescavadora, um gerador e vários outros equipamentos de maquinaria trazida para que o processo de limpeza da terra possa iniciar. Já para não falar das duas câmaras de videovigilância instaladas para satisfazer tanto a equipa de segurança da Stark International como a companhia de seguros.

Há outro helicóptero ao lado daquele que Clark aterrou e, atrás desse, um trilho improvisado que segue desta área de trabalho para o interior ainda selvagem da ilha. E, presumo eu, que vai dar a Damien, à mulher dele — Nikki — e a Wyatt Royce, o fotógrafo que Damien contratou para tirar retratos de Nikki à beira-mar e também da ilha, para promover o empreendimento.

Enquanto Clark fica com o helicóptero, eu avanço pelo trilho. Quase de imediato, arrependo-me de não ter despendido o tempo necessário



para mudar de roupa antes de fazer esta viagem. Estou de saia e saltos altos; com o solo rochoso e irregular, os meus sapatos vão acabar sujos e riscados. A ideia era vestir umas calças de ganga e calçar umas botas de caminhada, mas estava com pressa e, se conseguir voltar a pôr este projeto nos eixos, acho que perder os meus sapatos azul-escuros preferidos será um pequeno preço a pagar.

O terreno vai-se inclinando delicadamente e, quando chego ao cimo de uma pequena colina, dou por mim a olhar para uma enseada arenosa aninhada junto a um aglomerado de rochas. Ondas atingem-nas e gotas de água elevam-se no ar, a cintilar como diamantes. Na área da praia, vejo Damien a passar o braço à volta da cintura da mulher, que encosta a cabeça ao ombro dele enquanto ambos observam o vasto oceano.

Eu e Nikki tornámo-nos boas amigas, pelo que não é a primeira vez que os vejo juntos. Mas há uma doçura tão íntima naquele momento que sinto que devia virar costas e dar-lhes tempo a sós. Porém, como não tenho tempo a perder, pigarreio e continuo a avançar.

É claro que sei que não vão ouvir-me. O som do oceano a abater-se na costa terá bastado para abafar o som da aproximação do helicóptero; de certeza que estará a sobrepor-se aos pequenos ruídos que vou fazendo.

Como que para provar isso mesmo, Damien leva os lábios à têmpora de Nikki. Algo tenso se retorce dentro de mim. Penso na revista que tenho no saco — e na imagem do homem na capa. Ele beijava-me da mesma maneira e, ao lembrar-me da carícia suave como uma borboleta dos seus lábios na minha pele, sinto os olhos a arder. Digo a mim mesma que é do vento e dos salpicos de água do mar, mas é claro que isso não é verdade.

É do desgosto e da perda. E, sim, é do medo.

Tenho medo de estar prestes a abrir a porta a algo que quero desesperadamente, mas que sei que não aguento.

Tenho medo de ter feito uma asneira de todo o tamanho há tantos anos.

E tenho a certeza fria e amargurada de que, se não for muito, muito cuidadosa, o muro que construí à minha volta irá desmoronar-se e os meus horríveis segredos transbordarão, ficando à vista de toda a gente.

— Sylvia?

Sobressalto-me um pouco, assarapantada, e apercebo-me de que tenho estado ali, de olhar perdido voltado para o mar, com a mente muito, muito longe.

— Sr. Stark. Peço desculpa. Eu...

— Sente-se bem? — É Nikki que fala, com uma expressão preocupada enquanto se apressa a ir ter comigo. — Parece um pouco abalada. — Já está ao meu lado e dá-me o braço.

— Sim, estou bem — minto. — Só um bocadinho enjoada do helicóptero. Onde está o Wyatt?

— Instalou-se lá ao fundo da praia — diz Stark. — Achámos que seria melhor se ele fosse andando e começasse a tirar as fotos para a brochura.

Faço um esgar, porque cheguei com mais de uma hora de atraso. O plano era que eu tivesse passado a manhã em Los Angeles enquanto Nikki, Damien e Wyatt vinham mais cedo para a ilha. Eu chegaria depois, quando eles tivessem tido tempo de completar a sessão fotográfica privada, e passaria o resto da manhã a trabalhar com Wyatt para capturar uma série de imagens que usaríamos nos materiais promocionais da estância.

Damien pilotaria o seu helicóptero de regresso à cidade e depois eu, Wyatt e Nikki regressaríamos com Clark. Eu e Nikki descobrimos há pouco tempo que partilhamos uma paixão pela fotografia e Wyatt prometeu dar-nos algumas luzes depois de terminar o trabalho.

— Não trouxe a sua câmara — comenta ela, de sobrolho franzido. — *Alguma* coisa se passa.

— Não — respondo, e depois: — OK, sim. Talvez. — Procuo o olhar de Stark. — Preciso de falar consigo.

— Vou ver como está o Wyatt — diz Nikki.

— Não, fique. Quero dizer, se o Sr. Stark... se o Damien... não se importa.

Ainda me sinto pouco à vontade para o tratar pelo nome próprio durante o trabalho. Mas como ele mesmo me tem indicado variadíssimas vezes, eu e a mulher dele já passámos muitas horas a beber cocktails à beira da sua piscina. Ao fim de uns quantos *Cosmopolitans*, quando estamos a sós a formalidade começa a parecer forçada.

— É claro que não me importo — diz ele. — O que aconteceu?  
 Inspiro profundamente e desafogo a verdade que tenho estado a conter:  
 — Hoje de manhã o Martin Glau desistiu do projeto.

Vejo de imediato a alteração no rosto de Damien. O perpassar rápido do choque, seguido por raiva e logo substituído por uma determinação férrea. A seu lado, Nikki não se mostra tão controlada.

— O Glau? Mas tem sido o entusiasmo em pessoa. Por que raio haveria de querer desistir?

— Não quis e pronto. — esclareço. — Desistiu mesmo. Foi-se.  
 Por um momento, Damien limita-se a olhar para mim.

— Foi-se?

— Ao que parece, mudou-se para o Tibete.

Os olhos de Damien arregalam-se de uma forma quase impercetível.

— Mudou-se?

— Vendeu a propriedade que tinha, encerrou a firma e disse ao advogado que informasse os clientes que tinha decidido dedicar o resto da vida à meditação e à oração.

— Filho da puta — exclama Damien com o género de fúria contida que raras vezes lhe vejo nos negócios, embora há anos a comunicação social fale do seu temperamento irascível. — Mas que raio é que lhe passou pela cabeça?

Compreendo a raiva dele. Além do mais, partilho-a. Trata-se do *meu* projeto, e Glau conseguiu lixar-nos a todos. A Estância Cortez pode ser uma propriedade de Stark, mas isso não quer dizer que seja completamente financiada por Damien, ou pelas suas companhias. Não, esfalfámo-nos a sério nos últimos três meses a coligir um grupo impressionante de investidores — e cada um deles referiu duas razões para se empenhar neste projeto: a reputação de Glau como arquiteto, e a reputação de Damien como empresário.

Ele passa os dedos pelo cabelo.

— Muito bem, então temos de lidar com isto. Se o advogado dele começou a notificar os clientes hoje, a comunicação social não vai tardar a ficar a par e tudo vai desenrolar-se bem depressa.

Faço um esgar. A ideia é quanto basta para me deixar com a pele suada e pegajosa, pois o projeto é meu. Fui eu que o concebi, que o apresentei e que dei o litro para o fazer arrancar. Para mim, é mais do que uma estância; é uma pedra angular sobre a qual pretendo basear o meu futuro.

Tenho de manter este projeto vivo. E, raios partam, *vous* mantê-lo vivo. Mesmo que isso implique abordar o único homem que jurei que nunca mais tornaria a ver.

— Precisamos de pôr um plano em prática — digo. — Um plano de ação definitivo para apresentar aos investidores.

Apesar da situação, deteto um laivo de diversão nos olhos de Damien.

— E a Sylvia já tem uma sugestão. Bom. Vamos lá ouvi-la.

Anuo e aperto mais a alça do saco.

— Os investidores ficaram impressionados com a reputação e o portefólio de Glau — começo por dizer. — Mas isso não é algo que possamos replicar com outro arquiteto.

Sendo a força motriz por trás de alguns dos edifícios mais impressionantes e inovadores da história moderna, Glau era um verdadeiro arquiteto-estrela — um arquiteto que tinha tanto a competência como o *status* de celebridade para garantir o sucesso de um projeto.

— Por isso, o que sugiro é que apresentemos o homem que, segundo tudo indica, se espera que atinja ou ultrapasse a reputação do Glau.

Levo a mão ao saco e tiro de lá a revista, que passo a Damien.

— Jackson Steele.

— Ele tem a experiência, o estilo, a reputação. Não é apenas uma estrela em ascensão neste campo... estando o Glau fora de jogo, acho que é justo dizer que ele é o novo príncipe herdeiro. E isso não é tudo. É que, mais ainda do que o Glau, o Steele tem o apelo da fama que seria benéfico para este projeto. O tipo de potencial publicitário que não só animará os investidores como também será um trunfo enorme quando apresentarmos a estância ao público.

— Ai é? — replica Stark, numa voz estranhamente seca. Vejo-o a fitar Nikki e não posso deixar de me intrigar com o olhar rápido que trocam.

— Leia o artigo — insisto, determinada a fazê-lo ver o meu ponto de vista. — Não só corre o rumor de que a história de um dos projetos dele vai ser adaptada ao cinema, como ainda já foi produzido um documentário acerca dele e daquele museu que ele construiu no ano passado em Amsterdão.

— Eu sei — responde Damien. — Hoje à noite é a antestreia no cinema chinês.

— Sim — confirmo avidamente. — O Damien vai? Podia falar com ele lá.

A boca dele remexe-se para assumir um trejeito que me parece ser de ironia.

— Por estranho que pareça, não fui convidado. Só sei disso porque o Wyatt o mencionou. Foi contratado para tirar as fotos na passareira vermelha e alguns retratos dos convidados.

— Mas é a isso que me refiro — insisto. — Trata-se de um evento com passareira vermelha. Este tipo é uma verdadeira celebridade. Precisamos dele na nossa equipa. E o artigo também diz que anda a ver se abre outro escritório em Los Angeles, o que sugere que está a tentar insinuar-se mais no mercado da Costa Oeste.

— O Jackson Steele não é o único nome possível — diz Damien.

— Não — concedo. — Mas, neste momento, é o único com um holofote mesmo virado para ele. Para além disso, já investiguei alguns dos outros que poderiam agradar aos investidores, e nenhum está disponível de momento. O Steele está. Não o apresentei como possível arquiteto para o empreendimento original porque ele tinha um compromisso de seis meses num projeto no Dubai. — Na altura, tinha-me sentido grata por o Jackson não estar disponível, pois não queria estar precisamente nesta posição. Mas agora as coisas mudaram. — O projeto do Dubai caiu por terra — continuo. — Questões políticas e financeiras, suponho. Falam de tudo isso por alto no artigo. Fiz uma pesquisa rápida e não me parece que o Steele tenha mais algum projeto com luz verde neste momento, mas isso não há de permanecer assim durante muito tempo. O Jackson Steele pode salvar a Estância Cortez. Por favor, confie

em mim quando lhe digo que nunca o sugeriria se não acreditasse nisto em absoluto.

E não é essa a grande verdade?

— Eu também acredito — diz Damien. — E concordo com a sua avaliação da situação. Se não envolvermos o Jackson Steele já neste projeto, vamos perder os nossos investidores. A única outra forma de manter o projeto vivo é ser eu a financiá-lo por completo, seja recorrendo a mais-valias da empresa ou aos meus fundos privados. — Ele inspira fundo. — Sylvia — diz-me num tom delicado —, não é assim que faço negócios.

— Eu sei. É claro que sei. É por isso que estou a sugerir que aborremos o Jackson. Quero dizer, o Steele — corrijo-me, contendo um esgar por ter deixado escapar aquele tratamento familiar. — Trata-se de um projeto de grande visibilidade... exatamente o género de coisa em que ele se tem concentrado nos últimos tempos. Ele vai alinhar. Tudo o que este projeto tem é o que ele procura.

Mais uma vez, Damien e Nikki entreolham-se e a preocupação apodera-se de mim.

— Desculpem — digo-lhes. — Mas passa-se alguma coisa que eu não saiba?

— O Jackson Steele não tem o menor interesse em trabalhar para a Stark International — revela Nikki, depois de uma breve hesitação.

— Ele... o quê? — As palavras demoram um pouco a ganhar sentido. — Como é que sabem?

— Conhecemo-lo quando fomos às Baamas — explica-me ela. — O Damien ofereceu-lhe um lugar garantido no projeto das Baamas, disse-lhe que o contrataria ainda antes de a Stark International ter adquirido o terreno. Dar-lhe-ia acesso total a todos os pormenores do projeto. Mas ele deixou bem claro que não quer trabalhar para o Damien, nem para nenhuma das empresas dele. Diz que a sombra dele é muito longa e que não está interessado em ser tapado por ela.

— Por outras palavras, não vamos conseguir ter o Steele neste projeto — remata Damien. Olha para o relógio e depois para Nikki. — Preciso de voltar — diz, e em seguida volta de novo a atenção para mim. — Telefone

pessoalmente aos investidores. Este não é o tipo de coisa que eu possa fazer esperar. Lamento mesmo muito, Syl — acrescenta, e é o diminutivo que me faz perceber que isto é a sério. O projeto está acabado. O *meu* projeto morreu.

Digo a mim mesma que devia sentir-me aliviada por não ter de me arriscar a regressar àquelas memórias. Que tenho sido uma tola ao pensar que teria a força necessária para fazer frente aos meus pesadelos. Que devia simplesmente deixar o projeto cair, em vez de avançar direita àquilo de que em tempos fugi.

*Não.*

Não. Esforcei-me demasiado e este projeto é demasiado importante. Não posso simplesmente desistir. Não assim. Não sem dar luta.

E sim, talvez haja uma parte de mim que deseja voltar a ver o Jackson Steele. Provar a mim mesma que sou capaz de fazer isto. Que sou capaz de o ver, de falar com ele, de trabalhar mesmo de perto com ele — e, ainda assim, conseguir não me desfazer sob o peso de tudo isso.

— Por favor — peço a Damien, cerrando as mãos em punhos e tentando convencer-me de que a batida irregular do meu coração e o suor frio que me cobre a pele se devem ao medo de perder o projeto e não à ideia de voltar a ver o Jackson. — Deixe-me falar com ele. Precisamos pelo menos de tentar.

— Haverá outros projetos, menina Brooks. — A sua voz é delicada, mas firme. — Esta não é a sua última oportunidade.

— Eu acredito — digo-lhe. — Mas sei que nunca se afasta de um negócio tremido se houver alguma hipótese de o salvar.

— Tendo em conta o que conheço do Sr. Steele, não há hipótese alguma.

— Eu acho que há. Por favor, deixe-me tentar. Só lhe peço o fim de semana — apresso-me a acrescentar. — Apenas o tempo suficiente para que eu possa reunir-me com o Sr. Steele e apresentar-lhe o projeto.

Por um momento, Damien nada diz. Depois acena com a cabeça.

— Não posso esconder isto dos investidores — acaba por dizer. — Mas já é sexta-feira e isso pode funcionar a nosso favor. Telefone-lhes. Diga-lhes

que precisamos de os atualizar acerca do projeto e marque uma teleconferência para segunda-feira de manhã.

Anuo, rápida e profissional. Mas, por dentro, estou a saltar de alegria.

— Assim tem o fim de semana — continua o Damien. — Segunda-feira de manhã teremos de anunciar que temos o Jackson Steele connosco ou que o projeto está em risco.

— Vamos tê-lo connosco — declaro, com uma confiança que deve mais à esperança do que à realidade.

Damien inclina a cabeça ao de leve para a esquerda, como que a ponderar as minhas palavras.

— O que a leva a dizer isso?

Humedeço os lábios.

— Eu... eu conheci-o. Há uns cinco anos, em Atlanta. Mesmo antes de começar a trabalhar para si, na verdade. Não sei se irá aceitar a proposta, mas acho que me ouvirá.

Pelo menos, era o que pensava, antes de ficar a saber que ele já tinha recusado um projeto de Stark.

Agora todo o campo se alterou. Antes, julguei que lhe serviria um projeto do caraças numa bandeja de prata. Que seria eu a fazer-lhe um favor. Que o controlo seria meu.

Agora sei que o oposto é que é a verdade.

Ele pode ir-se embora. Pode recusar. Pode mostrar-me o dedo do meio e dizer-me que desapareça da sua vida.

Lembro-me da última conversa que tivemos — uma conversa que me devastou.

*Preciso que faças uma coisa por mim, disse-lhe eu.*

*Qualquer coisa.*

*Sem perguntas, sem argumentos. É importante.*

*O que precisares, querida, prometo. Só tens de pedir.*

Ele tinha sido fiel à sua palavra. Fizera o que eu lhe pedira, apesar de isso praticamente nos ter destruído.

Agora preciso de outra coisa.

E espero desesperadamente que, mais uma vez, baste pedir-lhe.



— Qualquer hora que ele tenha disponível hoje — digo, de telemóvel junto à orelha esquerda e a mão a tapar o ouvido direito. Ainda assim, tenho dificuldade em ouvir a secretária do Jackson, sedeadada em Nova Iorque, com o ruído do helicóptero a desligar os motores.

— Lamento, menina Brooks. O documentário sobre o Sr. Steele vai ser exibido hoje à noite em Los Angeles, por isso receio bem que todos os minutos estejam ocupados.

Estou no telhado da Torre Stark, no centro da cidade, e apesar da sensação de estar literalmente acima de tudo e de todos, não me sinto composta nem controlada. Quero abrir a porta e entrar no elevador, mas sei por experiência que correrei o risco de perder o sinal e tenho o presentimento de que, se deixar que esta mulher desligue, não vou voltar a conseguir apanhá-la.

Por isso, fico ali ao vento, com o sol a queimar-me e rodeada de asfalto, sentindo-me decididamente à mercê não apenas dos elementos, mas também do Jackson Steele, da sua secretária e até da maldita companhia telefónica.

— E amanhã? — pergunto-lhe. — Tenho noção de que é sábado, mas se ele não vai voltar de imediato para Nova Iorque...

— O Sr. Steele ficará em Los Angeles durante pelo menos uma semana.

— Perfeito — atalho, com o alívio a deixar-me esgotada. — Quando seria conveniente?

— Só um momento, por favor. Vou ver se consigo apanhá-lo no telemóvel.

Ali fico, a sentir-me um pouco tola, enquanto a música alegre da chamada em espera vai tocando. Quando ouço um clique no telefone a assinalar que a mulher voltou à linha, endireito as costas e os ombros como que a pôr-me em sentido, e depois esse comportamento ridículo faz-me revirar os olhos.

— Lamento, mas não haverá uma altura conveniente, menina Brooks.

— Oh, não, a sério. Terei todo o gosto em ficar disponível a qualquer hora que ele indique. E se for mais conveniente posso ir ter ao hotel dele ou recebê-lo no meu escritório. Como for melhor.

Ouçõ-a suspirar, longa e profundamente, e mordo o lábio inferior quando me diz:

— Não, menina Brooks, percebeu mal. O Sr. Steele pediu-me para declinar o seu pedido para uma reunião. E para lhe transmitir que lamenta, claro.

— Lamenta?

— Ele disse que a menina compreenderia. Que já tinham falado disto. Em Atlanta.

— Ele... o quê?

— Lamento imenso, menina Brooks. Mas posso garantir-lhe que a recusa do Sr. Steele é final.

Fiquei com a boca completamente seca. Não que isso tenha importância. Por mais que queira protestar, é demasiado tarde. A chamada caiu.

Fito o telemóvel por um momento, sem acreditar no que acabo de ouvir.

O Jackson recusou.

— Merda.

Passo os dedos pelo cabelo e depois olho para Clark, que já fixou o helicóptero e se encaminha na minha direção.

— Há algum problema? — pergunta-me, com o cenho a franzir-se enquanto me espreita o rosto.

— Se eu ainda puder resolver isto, não — replico.

Porque de forma alguma irei telefonar a Damien e dizer-lhe que meti a pata numa poça tão grande que nem uma reunião consegui. O que significa que preciso mesmo de um Plano B. De outro arquiteto-estrela. De uma poção mágica. De um maldito milagre, caramba.

Começo a seguir Clark para o elevador e depois paro, lembrando-me de uma coisa.

— Bom fim de semana! — digo-lhe. — Preciso de fazer outro telefonema.

E depois percorro os contactos, encontro o número de Wyatt e ligo ao fotógrafo, para ver se ele me desencanta esse milagre.

— Tens noção de que isto é espetacular, não tens? — pergunta-me a Cass, ao entrar na limusina para se sentar à minha frente.

Ela está incrível, como sempre, num vestido preto e justo com uma racha tão subida que é de espantar que não tenha mostrado as cuecas ao bairro inteiro ao entrar no carro. O vestido é suportado por um único laço simples no ombro esquerdo e ela enche-o com o género de curvas com que eu só posso sonhar. Nesta semana tem o cabelo vermelho e está a usá-lo apanhado, para realçar o vestido. Para além do pequeno diamante do seu *piercing* do nariz, não usa quaisquer joias, o que só torna ainda mais impressionante a ave exótica que tem tatuada no ombro, com as penas da cauda a descerem-lhe pelo braço numa explosão de cor.

Assim que ela se instala, Edward fecha a porta e volta para o lugar do condutor. Não o vemos, já que estamos protegidas pelo painel de privacidade, mas sinto o movimento à medida que a limusina se afasta do passeio em frente à casinha da Cass, em Venice Beach.

— A sério, Syl. As regalias do teu emprego são o máximo.

— Definitivamente estão do lado positivo do espetacular — concordo, passando-lhe um copo de vinho. A limusina faz parte da frota da Stark International e Edward é o motorista privado de Damien, que mo emprestou para esta noite. Com alguma sorte, compensá-lo-ei pelas horas extra.

— Acho que ambas precisamos de um momento de profunda contemplação — diz a Cass. — Tu, para agradeceres as regalias fantásticas do teu emprego. E eu para me mostrar grata por seres tão antissocial que não havia outra pessoa que quisesses convidar para vir contigo.

— Cabra — respondo, mas rio-me enquanto ela fecha os olhos e inclina a cabeça para trás.

— Ommm — faz ela, como se estivesse numa aula de yoga e não no assento traseiro de uma limusina, a caminho de uma festa de antestreia em Hollywood.

Tinha ponderado se havia ou não de a levar, mas acabei por concluir que a Cass não só iria adorar assistir a um evento de passadeira vermelha como também funcionaria como um excelente escudo humano.

A Cass é a minha melhor amiga desde que entrei no salão de tatuagens do pai dela com a madura idade de 15 anos. Ele tinha-me posto a andar, dizendo-me sem papas na língua que não estava disposto a perder a licença para que uma peste de Brentwood fizesse uma tatuagem para chatear os paizinhos.

Eu não tinha chorado — não choro desde os 14 anos — mas sentira a cara a ficar tão afogueada enquanto o meu temperamento e a frustração só se inflamavam. Chamei-lhe sacana, gritei-lhe que ele não sabia o que quer que fosse acerca dos meus pais e que podia ter a certeza de que não sabia nada de nada acerca de mim. Não me lembro de lhe chamar cabrão de merda, mas a Cass garante-me que foi o que fiz.

Do que me lembro é de ter saído furiosa e de correr às cegas até chegar à praia. Aí atravessei a ciclovia, por pouco não mandei uma criança ao chão e depois tropecei na areia. Caí de cara no chão e limitei-me a ficar ali estatelada como uma idiota, de testa no braço e olhos cerrados porque queria chorar — queria mesmo que as lágrimas fluíssem, caramba, mas isso não aconteceu. Não podia acontecer.

Não sei durante quanto tempo fiquei ali, com a respiração superficial para não aspirar a areia. Tudo o que sei é que ela estava à minha frente quando levantei a cabeça, umas pernas compridas, uma pele bronzeada e um cabelo curto e preto moldado com gel em dúzias de picos.

Acocorou-se, de cotovelos nos joelhos e o queixo na mão enquanto me fitava. E ali ficou a oscilar, ora para a frente, ora para trás, de olhos fixos em mim.

— Vai-te embora — disse-lhe eu.

— Ele não tem culpa. A minha mãe bazou e ele tem de cuidar de mim, por isso a culpa não é dele. Quero dizer, se lhe tiram a licença, fecham-lhe a loja e depois ficam-nos com a casa e acabamos a viver no assento de trás do *Buick* dele e eu vou ter de me prostituir em Hollywood só para termos *Snickers* e *Diet Coke*.

Senti o estômago a contrair-se e, por um instante, até julguei que ia vomitar.

— Para com isso — disse-lhe. — Não tem graça nenhuma.

Os olhos dela estreitaram-se enquanto me observavam, e em seguida ela endireitou-se, desengonçada como um potro. Estendeu-me uma mão para me ajudar a levantar.

— Ele não pode, mas eu posso.

— Podes o quê?

— Se queres uma tatuagem, eu posso tatuar-te.

E encolheu os ombros, como se qualquer adolescente soubesse fazer tatuagens.

— Tretas.

— Como queiras.

Ela começou a afastar-se e eu pus-me de joelhos na areia, a vê-la afastar-se sem nunca olhar para trás para ver se eu tinha mudado de ideias.

Tinha.

— Espera!

Ela parou. Passou-se um momento, outro ainda, e depois ela virou-se. Cruzou os braços e ficou à espera.

— Quantos anos tens? — perguntei-lhe.

— Dezasseis. E tu?

— Acabei de fazer 15. És mesmo capaz?

Ela aproximou-se de mim e esticou uma perna, de tal maneira que era impossível não ver a rosa negra que tinha no tornozelo.

— Sou.

— Vai doer?

Ela suspirou.

— Oh, claro. Mas não vai doer mais do que se fosse ele a fazer.

Presumo que ela tivesse razão acerca disso, mas nunca hei de saber ao certo. Porque a Cass é a única pessoa que me tatuou, e já o fez várias vezes. Nesse primeiro dia, ficámos na praia até o pai dela fechar a loja. Depois entrámos lá à socapa e ela adornou-me o osso púbico com um lindo cadeado dourado, trancado e acorrentado.

Perguntou-me por que razão eu queria aquele desenho, e eu nessa altura não lhe disse. E, mesmo mais tarde, não lhe contei tudo. Só a história à superfície, não a verdade profunda. E, embora ela seja a minha melhor amiga, acho que nunca vou contar-lhe isso.

Aquela tatuagem e as que se seguiram são só para mim. São segredos e triunfos, fraquezas e forças. São um mapa, e são memórias.

Sobretudo, são minhas.

— Então, quem é que vai estar lá? — pergunta-me ela ao fim de algum tempo. — Vai haver uma passadeira vermelha, não é?

— Segundo me consta. Mas não te entusiasmes muito. É um documentário, não um êxito de bilheteira garantido. Imagino que lá estejam alguns executivos de estúdio, talvez alguns agentes e umas quantas estrelas menores.

— Isso não altera o facto de irmos caminhar por uma passadeira vermelha, porra. Acho que vou poder riscar essa da minha lista de coisas a fazer antes de morrer.

— Pois vais. E esse vestido é um espetáculo. Onde é que o arranjaste?

— Naquela loja da Goodwill perto de Beverly Hills. É o meu sítio preferido para caçar roupa.

A Cass agora é dona da Totally Tattoo e ganha bem, mas nem sempre foi assim e acho que nunca a vi comprar roupa numa loja que não fosse em segunda mão.

— Só costume conseguir umas calças de ganga por dez dólares e umas t-shirts à maneira — continua. — Mas desta vez havia um cabide inteiro

cheio de roupas formais. A sério que não compreendo essas mulheres. Usam uma coisa uma vez e depois dão-na. — Encolhe os ombros filosoficamente. — Mas tanto me faz, e dou-me por contente por poder aproveitar a idiotice económica delas.

— E ficares incrivelmente gira enquanto manténs a frugalidade.

— Podes crer. E olha que tu também estás espetacular — acrescenta.

— É bom que esteja. Passei duas horas a cortar o cabelo e a maquilhar-me.

Uso o cabelo curto desde os 15 anos. Foi nessa altura que troquei as melenas onduladas e compridas por um corte que está algures entre o curto e o médio. Na altura, tudo o que queria era uma mudança, tão dramática como a que me fosse possível fazer. Como rapar a cabeça era um pouco radical até para o meu estado de espírito de então, tinha-me contido.

Mas agora gosto mesmo do corte. Segundo diz a Kelly, a miúda que me trata do cabelo, adequa-se ao meu rosto oval e realça-me os malarres. Na verdade, a razão não me importa. Só quero gostar do que vejo ao espelho.

— As pontas vermelhas dão-lhe um toque mesmo à maneira — diz a Cass.

— É, não é? Ficou giro.

O meu cabelo é castanho-escuro, com madeixas douradas naturais. Francamente, gosto dele assim, pelo que nunca me tinha sentido tentada a fazer como a Cass e pintar temporariamente o cabelo de rosa, roxo ou simplesmente de ruivo.

Para esta noite, no entanto, achei que poderia divertir-me um pouco e pedi à Kelly que me fizesse umas madeixas coloridas. Ela foi um pouco mais longe e concentrou-se nas pontas de algumas secções do meu cabelo, de uma maneira que não só é divertida, mas também elegante.

— Ficou, sim, mas o que queria dizer era que a cor condiz com a do vestido. Que é fabuloso, já agora.

— É bom que seja. Custou-me os olhos da cara.

Posso não passar a vida a evitar lojas convencionais, como a Cass, mas raramente gasto tanto dinheiro num vestido como gastei neste.

É vermelho-vivo e, embora me tenha decidido por um vestido curto, acho que é tão elegante e sensual como o da Cass, que vai até ao chão. E, sim, enquanto dava uma volta em frente ao espelho do provador, tentei ver-me através dos olhos do Jackson. Não por querer parecer gira — bem, não só —, mas porque queria ter um ar bem-sucedido. Competente.

Poderosa.

— Achas bem? — perguntei à Cass. — Não é demasiado ordinário? Ou, pior ainda, empresarial?

— É perfeito. Pareces uma mulher de negócios confiante e profissional. E é óbvio que seguiste o meu conselho e investiste num soutien *push-up*, porque até tens um decote que se veja.

— Cabra — riposto, mas com todo o carinho. Tenho um porte atlético, magro e esguio. O que é ótimo para encontrar roupas que me sirvam, mas não para encher um vestido. Estava à espera de que me lançasse uma resposta mordaz, mas em vez disso só há silêncio. — O que foi? — pergunto-lhe, quando não aguento mais.

— Tens a certeza de que queres fazer isto?

É a delicadeza da sua voz que me atinge. A Cass é ruidosa e espalhafatosa, e é a isso que estou habituada. Doçura da sua parte pode dar cabo de mim. Mas anuo.

— Entreguei-me de alma e coração a este projeto. Não vou deixá-lo morrer se puder salvá-lo.

— Mesmo que isso te magoe?

Obrigo-me a não fazer um esgar.

— Não vai magoar.

— Raios partam, Syl, já magoou. Achas que eu não vejo? Não há ninguém que te conheça melhor do que eu e, para o caso de estares esquecida, fui eu que te tatuei as costas quando regressaste de Atlanta para Los Angeles. Sei como estavas destroçada e juro por Deus que se o emprego na firma de Stark não te desse algum alento, tinhas-te ido abaixo por completo.

— Cass, não...

— Não o quê? Não me preocupo contigo?

— Isso foi há cinco anos. Já deixei isso para trás.



— E agora está outra vez à tua frente.

— Não — protesto, mas depois calo-me, porque ela tem razão. — Pronto, talvez. Sim. Confesso. Vou entrar na caverna do leão. Despejar a gasolina e acender o fósforo. Saltar do precipício. Escolhe a metáfora que preferires, porque isso não importa. Tenho de fazer isto.

— Porquê?

— Estás mesmo a fazer-me essa pergunta?

Os ombros dela abatem-se.

— Não. Eu percebo. Tenho visto o que tens trabalhado neste projeto, sei a importância que tem para ti. É como eu e o estúdio. Adorei trabalhar para o meu pai, mas é melhor agora que tenho um espaço só meu. Sinto-me, não sei, crescida. Completa.

— Pois. É isso.

— É só que ele já recusou, não foi? Disse a Stark que não queria trabalhar com ele e depois nem sequer aceitou reunir-se contigo. Por isso, acreditas mesmo que podes fazê-lo mudar de ideias?

— Tenho de acreditar — digo-lhe. — Neste momento, otimismo injustificado é tudo o que tenho a funcionar a meu favor.

— Oh, caramba. Não digas isso.

Inclino-me para a frente e pego-lhe na mão.

— Eu consigo fazer isto. E vou ficar bem. Já não sou tão frágil como antes. Consigo fazer isto — repito, querendo convencê-la e a mim também.

— Foda-se, claro que consegues — diz ela, embora um sorriso fraco lhe traia as palavras.

— Vá lá — insisto. — Como é que posso falhar quando estou tão gira? Isso provoca-lhe uma gargalhada.

— Lá isso é verdade — reconhece. — Quero dizer, estás mesmo deliciosa. E, raios, eu lembro-me quando tu te arrastavas por aí com um ar tão miserável que nem um cão quereria dar-te uma lambidela.

— Era mesmo, não era?

Eu tinha passado os últimos anos da secundária a esforçar-me ao máximo por parecer invisível. Foi a Cass quem me meteu algum juízo na cabeça no verão antes de eu entrar para a Universidade de Los Angeles.

Lembro-me desse dia com uma clareza cristalina. Era uma terça-feira e tínhamos decidido ir espreitar o *campus* que em breve se tornaria a minha casa. Uns universitários mais velhos já nos tinham olhado de cima a baixo e a minha reação imediata fora encolher os ombros e cruzar os braços à frente do peito.

— Tu és mesmo uma idiota chapada, não és? — perguntara-me a Cass com os seus modos tão delicados.

— Desculpa?

— Oh, então, Syl. Tens de te deixar disso. És muito gira e estás sempre a esconder-te com camisolões feios e calças de ganga largueironas. E esse cabelo...

— *Não* vou deixar o cabelo crescer.

— Mas já te passou pela cabeça, não sei, *penteá-lo*?

Eu enfiara as mãos nos bolsos das calças largueironas e fitara o passeio.

— Olha — dissera-me ela, num tom mais suave. — Eu percebo. A sério. Se quiseres instala-te muito confortavelmente no meu divã de psicóloga e eu digo-te exatamente o que se passa nessa tua cabeça.

— Não te contei finalmente o que aconteceu para poderes azucrinar-me — ripostara eu.

— Sabe que mais? Isso não me importa. Porque tu és a minha melhor amiga e eu adoro-te e tu estás a servir poder àquele cabrão na merda de uma bandeja de prata.

— Não estou a servir-lhe nada — replicara. — Ele já se foi. Há muito tempo.

Graças a Deus.

— Uma porra é que foi. É por causa dele que andas por aí vestida como se quisesses que te escolhessem para o papel de Vizinha Desleixada. Talvez não vejas o cretino desde que fizeste 15 anos, mas ele está contigo todos os dias.

Eu cerrara as mãos em punhos, a sentir-me cada vez mais irritada.

— Nem penses em ir por aí — dissera-lhe, erguendo a cabeça e dando um passo na sua direção.

— Eu já estou aí.

A Cassidy só tem mais uns oito centímetros do que eu, mas sempre foi uma presença enorme, cuja sombra me assoberbava. E isso só me deixou ainda mais zangada. Eu estava a sofrer. Estava perdida. E a minha melhor amiga não me apoiava.

— Foda-se. *Não*.

— Não o quê? — perguntara ela. — Não te digo a verdade? Não tento ver se te entra nessa cabeça dura que isto é absurdo? Um fotógrafo pervertido transforma-te no seu alvo porque és jovem e bonita e tu continuas a fazer tudo o que está ao teu alcance para desapareceres? Que se foda essa merda. Tinhas 14 anos... 14. Ele é que era um cabrão.

Eu abanara a cabeça devagar, com os olhos a arder apesar de não ter lágrimas. Queria fugir, mas era sempre para junto da Cass que eu ia quando fugia, pelo que não tinha outro sítio para onde ir.

— Nunca deveria ter-te contado.

A verdade era que não lhe tinha contado tudo — nem por sombras. Mas contara-lhe o suficiente.

— Raios, Syl — dissera ela, com lágrimas a correrem-lhe pela cara. — Não percebes? Um cabrão passado dos cornos tirou-te a virgindade. Apoderou-se do sexo. Mas não se apoderou de ti. Tu és esperta e és linda, e ele não pode mudar isso. Precisas de ser dona de ti mesma. Porque sempre que te escondes atrás de uma treta destas — dissera-me, puxando-me a camisola feia e cinzenta —, estás a deixá-lo ganhar. Se queres a tua vida de volta, vais recuperá-la. E fazes isso com toda a beleza que tens.

Agora, no meu sensual vestido de gala, nas traseiras da limusina, ainda sinto o estômago dar voltas quando ela fala do que o Bob me fez durante aqueles meses dos meus 14 anos. Mais do que isso, porém, lembro-me da sensação calorosa e segura de saber que tinha uma amiga que realmente se importava comigo.

— Obrigada — digo calmamente.

Ela inclina a cabeça e torna-se óbvio que não me acompanhou o raciocínio.

— Porquê?

— Por isto — respondo, puxando o vestido. — Se não me tivesses azucrinado o juízo há tantos anos, provavelmente estaria a usar umas calças de fato de treino.

— Para vires comigo, não — replica ela, ao que ambas nos rimos. — Olha, Syl — diz passado um momento. — Só não quero ver-te outra vez toda aflita. Não chegaste a contar-me o que aconteceu ao certo com o Steele, mas conheço-te suficientemente bem para saber que para ti os tipos e as relações são coisas complicadas.

— Isso é o eufemismo do século — concordo. Não preciso de um psicólogo para saber que ainda tenho problemas.

— Já foste sequer para a cama com alguém desde que voltaste de Atlanta?

A pergunta deixa-me ansiosa.

— Tenho andado concentrada no trabalho — digo-lhe com maior rispidez do que pretendia. — Não tenho propriamente um emprego das nove às cinco.

Ela ergue as mãos, num gesto de rendição.

— Olha lá, eu entendo. E também não estou a dizer que devas voltar a ser como eras antes do Steele.

Encolho-me, porque a verdade é que fui para a cama com muitos tipos na faculdade. Não porque os desejasse, nem sequer por querer o prazer. Não, eu usava o sexo como terapia, para provar uma e outra vez que, apesar de tudo o que sabia acerca de mim mesma, era capaz de manter os sentimentos, as reações e as emoções numa pequena caixa bem compacta. Que era capaz de vencer as memórias e combater os pesadelos. Que era capaz de ter tudo sob controlo.

A Cass sabe mais acerca desse período da minha vida do que qualquer outra pessoa. E também sabe que não é um período de que eu queira falar.

— Não faças isto, Cass. Não me deixes a bater mal hoje. Por favor.

— Desculpa. A sério. Só que é de hoje que estou a falar. Ainda estás dorida.

Abano a cabeça automaticamente, querendo negar tudo, apesar de ela ter razão.

— Não tive nem um pesadelo desde que voltei para Los Angeles.

— E isso é ótimo. É a isso que me refiro. Não quero que te magoes. Outra vez. Já passaste por demasiado.

— Não vou magoar-me — digo, sabendo que se trata de uma promessa vã. — Adoro-te, sabes.

O humor perpassa-lhe os olhos verdes enquanto a sua boca se agita para formar um pequeno sorriso.

— Pois, mas vais pôr-te nua comigo?

— Depois do tempo que demorei a vestir-me? — replico.

Tendo em conta as minhas dificuldades com tipos e relações, por vezes gostava de poder ir por aí. Mas não sou assim. E, embora tenhamos tido alguns momentos desconfortáveis, na maior parte do tempo a paixãoeta que ela nunca se deu ao trabalho de esconder faz apenas parte da nossa dinâmica.

Ela lança-me um sorriso endiabrado e depois olha de relance para o relógio.

— Ainda faltam uns minutos para chegarmos ao cinema. Podíamos baixar o painel de privacidade. Fazer um pequeno espetáculo para o Edward. — Ela contrai os lábios e abana-se para sacudir o peito.

Rio-me a bom rir.

— Isto está tão errado que nem sei por onde começar.

— Sinceramente, de que vale ir a uma festa de Hollywood se não há sexo e álcool à mistura?

— Temos álcool — recordo-a, enquanto volto a encher-lhe o copo. — Quanto ao sexo, tenho a certeza de que não faltarão possibilidades.

— Da lista de estrelas menores — recorda-me ela.

Penso um pouco.

— Na verdade, não me surpreenderia se o Graham Elliott aparecesse. — Elliott é a mais recente megaestrela de Hollywood. — Parece que tenciona representar o papel do Steele num filme biográfico que está na calha, e esse faz mesmo parte das grandes ligas.

— Não faz propriamente o meu género, mas isso deve querer dizer que a Kirstie Ellen Todd também vai, não?

— Duvido. Li online que se separaram.

A Cass faz uma careta e depois suspira.

— Bem, pelo menos voltei a ter uma oportunidade de a conquistar.

— Para começar, tenho praticamente a certeza de que ela é heterossexual. E depois, há o pequeno problema de nem num milhão de anos irei conhecê-la.

— Inconveniências de somenos, tudo isso.

Abano a cabeça, divertida.

— Confiança, o teu nome é Cassidy.

— Podes crer. Oh, uau, vê só! — Acaba com o vinho e serve-se do copo vazio para apontar. — Holofotes.

Tem razão. Dois feixes de luz estão a cruzar o céu em frente ao velho Cinema Chinês Grauman, que agora é o Cinema Chinês TCL. Quando eu era pequena, chamava-se Cinema Chinês Mann, pelo que eu limito-me a pensar nele como o Cinema Chinês de Hollywood com as marcas das mãos e dos pés de muitas estrelas do cinema e da televisão.

Edward avança a limusina para a fila e vamos seguindo lentamente até a porta das traseiras chegar à passadeira vermelha. A limusina para, a porta abre-se e eu e a Cass emergimos com os flashes e o zunzum dos repórteres. Isso abranda mal se apercebem de que não somos celebridades, embora me pareça que as pernas espetaculares da Cass os fizeram tirar mais umas quantas fotos do que seriam necessárias.

À nossa frente, cordas de veludo vermelho separam o cinema e o pátio da frente dos espetadores que se reuniram ao longo desta secção de Hollywood Boulevard.

A Cass aperta-me a mão quando começamos a avançar pela passadeira vermelha em direção à entrada de pagode do famoso cinema.

— Isto é mesmo o máximo.

Não posso contrariá-la e, à medida que seguimos pelo caminho, também me sinto um pouco como uma celebridade. Essa fantasia é acentuada quando olho para os homens de *smoking* e as mulheres de cabelo aperaltado que convivem naquela área aberta, conversando com a comunicação

social e dando aos turistas e aos observadores de celebridades a oportunidade de tirarem dezenas e dezenas de fotos.

Wyatt espera-nos ao fundo e, ao ver-nos aproximar, sorri. Pensava que ia passar por ele e juntar-me aos outros convidados, mas ele puxa-me para a frente de uma faixa a anunciar o estúdio que financiou o documentário e depois prepara-se para fazer o Momento de Fotografia na Passadeira Vermelha.

— Obrigada por me ter arranjado bilhetes — digo-lhe. — Fico mesmo em dívida para consigo.

— Não há problema — diz Wyatt, a apontar a câmara para a Cass. — É só mais uma manifestação da minha personalidade subversiva e artística. Sou assim imprevisível — acrescenta, fazendo-me rir.

De braço dado, eu e a Cass seguimos a multidão bem-vestida. Vamos primeiro em direção ao Salão de Baile Grauman, no edifício multiusos adjacente, onde tem lugar o cocktail antes da exibição no cinema original. Inclino-me para a Cass.

— É mesmo o máximo — digo-lhe, repetindo a sua expressão. E estou a falar a sério. Neste momento, sinto-me animada, confiante e preparada para conquistar o mundo. Ou, pelo menos, para conquistar o Jackson Steele.

Pessoal fardado encontra-se junto à porta, a oferecer-nos flutes de champanhe assim que entramos no salão.

— Uau — exclama a Cass, e eu replico silenciosamente esse sentimento.

O salão é deslumbrante. Enorme, sem ser avassalador. Uma luz dourada ocupa o espaço, intervalada por um padrão de imagens geométricas azuis projetadas no soalho e no teto. Alguns cantos da varanda estão realçados a vermelho, o que dá ao salão um ambiente festivo de discoteca. Duas colunas imponentes parecem vigiar o espaço e, entre elas, há um grande grupo de gente à volta de um bar circular, cujos copos de pé alto empilhados cintilam como estrelas coloridas, devido ao engenhoso sistema de iluminação.

Atrás do bar, um ecrã exhibe uma montagem de fotografias — arranha-céus altíssimos, edifícios angulares de escritórios, complexos habitacionais

inovadores. Reconheço cada um dos projetos do Jackson Steele e vejo que essas imagens são intercaladas com esboços, plantas e fotografias de estaleiro do museu de Amesterdão que é uma peça central do documentário e do próprio homem.

A Cass bebe a sua flute de champanhe e vai direita ao bar.

— Eu preciso de mais e tu precisas de ganhar coragem líquida — diz-me.

— Não preciso nada — minto, mas ainda assim ela pede um copo de *cabernet* para cada uma de nós.

Aceito-o, ignorando a voz da razão que me diz que não devia estar nem sequer ligeiramente tocada perto do Jackson Steele. Se vou fazer isto, preciso de estar desanuviada, profissional e fria, fria como o gelo. Palavras sensatas, que mando às urtigas quando levanto o copo e bebo um trago longo e demorado.

— A arrasar tudo e todos — diz a Cass ao levantar o copo para brindar.

Encosto o meu copo ao dela e depois bebo um gole mais pequeno. O que é que ela tinha dito? Coragem líquida? Pois, isso é capaz de ser bom, afinal.

Olho em redor, observando a área e perscrutando os rostos. O salão ostenta uma elegância reconfortante, com mesas cobertas por toalhas de linho, sofás de veludo e cadeiras de autor. A maioria está vazia, já que os convidados estão de pé, a conviver e a percorrer o salão. Reconheço alguns. Uma estrela de um *reality show* ao canto, um agente que conheci noutra festa. Mas não vejo o Jackson e estou a começar a ficar nervosa. Ele deve estar aqui algures e eu receio que, se não o encontrar antes da exibição, o levem para alguma festa a seguir sem que eu tenha oportunidade de falar com ele.

— Como é que ele é?

— Não sabes?

Ela encolhe os ombros.

— Só hoje é que me contaste que o teu caso de Atlanta se tinha transformado num arquiteto famoso. Cheio de si e podre de bom, não?

— É basicamente isso.



Atrapalho-me por um momento — afinal, como se descreve a perfeição? — e depois paro, pois ele está ali mesmo. Não em carne e osso, mas a sua imagem, projetada no ecrã atrás do bar, à vista de todos.

— Uau — diz a Cass ao seguir o meu olhar. — Merda, foda-se. A sério? Aquele tipo é absolutamente lindo.

Anuo, de olhar colado ao ecrã e garganta embargada. Eu julgava que a capa da revista lhe fazia justiça, mas enganava-me. Na capa, ele está retocado e polido, com as arestas torneadas pela magia do *Photoshop*. Mas aquela — aquela imagem é pura e granulosa. É genuína, deslumbrante e fascinante.

É o Jackson, de pés afastados e apoiados em duas vigas de ferro paralelas, pelo menos trinta andares acima de uma cidade que não reconheço. Está a usar calças de ganga, uma camisola branca de mangas compridas e um capacete de segurança também branco. Segura-se a um gancho gigante à sua frente e parece não dar pela câmara que, presumo eu, terá tirado aquele retrato com uma lente de longo alcance, a uma distância segura.

A sombra da sua barba a crescer é tão inconfundível como o azul reluzente dos seus olhos, que parecem arder à luz branca do Sol. Tem a mão livre sobre a testa, como um visor, para bloquear o sol enquanto examina a estrutura que se eleva à sua volta. Por trás e por baixo dele, a cidade espalha-se, mas é o Jackson o ponto focal. E, vendo aquela única imagem, não há dúvida de que é um homem com a capacidade de se apoderar da terra e refazê-la a seu bel-prazer. E, neste momento, só me resta esperar que o que tenho para oferecer seja algo que ele queira reclamar para si.

Cruzo os braços e dou um passo atrás enquanto a imagem se desvanece, substituída por outro estaleiro. Viro-me e deparo-me com a Cass a olhar para mim. Ela suspira e depois abana lentamente a cabeça.

— Meu Deus, Syl. Dá para ver na tua cara.

Desvio o olhar, mas ela agarra-me pelo braço.

— Este trabalho não vale a pena. Ele vai deixar-te destruída outra vez. Já o fez uma vez.

— *Não*. — Inspiro profundamente. — Não, não vai... nem fez. Nunca me destruiu. Eu fiz isso sozinha. Tudo o que ele fez foi...

— Deixar-te?

— Tudo o que ele fez foi o que eu lhe pedi.

E, com um pouco de sorte, voltaria a fazer isso mesmo.

— Muito bem. OK. Mas tens a certeza de que não queres reforços? No mínimo posso ficar contigo até o encontrares.

— Não. Estou bem. Vai conhecer gente. Sabe-se lá. Se calhar a Kirstie Ellen Todd veio mesmo.

Ela hesita, mas depois concorda.

— Vou dizer-lhe que mandas cumprimentos.

Dá-me um abraço rápido e depois aproxima-se de novo do bar para mais um copo de vinho. Eu faço o contrário e pouso o meu copo ainda a meio na bandeja de um empregado que vai a passar. Definitivamente, será melhor ter a cabeça desanuviada.

Ao fim de 15 minutos, porém, já começo a lamentar a minha sobriedade forçada. Dei duas voltas ao salão e vi dezenas de atores quase famosos, bem como mais de uma centena de outros rostos que não me são de todo familiares. Vi a Cass a conversar com praticamente toda a gente, uma empregada que reconheço do meu restaurante preferido e que me diz que está a ganhar um extra, e Wyatt, sempre a circular pela festa e a disparar a câmara.

Mas ainda não vi o Jackson.

Ele tem de estar presente algures, por isso decido que a melhor abordagem será subir ao primeiro andar, instalar-me na varanda e perscrutar os convidados a partir de cima. Estou a encaminhar-me para lá, de cabeça ligeiramente voltada para baixo pois aproveito para verificar o e-mail e as mensagens do telefone profissional quando deteto um vislumbre de algo conhecido na minha visão periférica.

Ergo o olhar, ignorando a súbita tensão que sinto no peito, e percorro os rostos em redor, em busca do dele. Só que ele não se encontra ali e o meu peito contrai-se ainda mais, desta feita de desapontamento.

Dou mais um passo enquanto guardo o telemóvel na minúscula carteira vermelha.

E é então que o vejo.

Vem a descer as escadas, de atenção voltada para o homem de aspeto distinto que o acompanha. Fez a barba e está elegante, com um casaco preto sem gola por cima de um pulôver de algodão branco. Eu esperava um *smoking*, mas não posso negar que esta opção é muito melhor. Dá-lhe um ar sombrio, sensual e imprevisível. Mais, fá-lo parecer importante. É o género de homem que pode dizer «que se fodam» as convenções e ter toda a gente a esforçar-se para ficar à sua altura.

É este o homem que vive nas minhas memórias. Aqueles olhos azuis cristalinos. Aquela boca larga e belíssima. Aquelas sobranceiras densas numas feições cinzeladas.

Ele desce mais dois degraus e depois desvia-se ligeiramente do seu companheiro. Quando o faz, apercebo-me de que não está exatamente igual àquilo de que me lembro. Agora tem uma cicatriz que lhe interseta o sobrolho esquerdo e depois segue em arco pela testa, chegando ao couro cabeludo. Não a tinha em Atlanta, mas está bem sarada, pelo que já deve ter anos.

A cicatriz em nada diminui a sensualidade deste homem que, de forma tão inegável, se apodera do salão. Em vez disso, a única falha aumenta-lhe a mística, dando-lhe um cariz de perigo e mistério. Ainda assim, eu percebo que deve ter havido dor na sua origem, e os meus dedos anseiam por lhe tocar, por percorrer aquele caminho. Por segurar, serenar e confortar aquele rosto incrível, protegendo-o de qualquer mal que tenha tido a desfaçatez de o marcar.

Mas esse direito já não me assiste e tal realidade torna-se ainda mais notória quando olho em redor e me apercebo de que todas as mulheres por perto estão a olhar para ele, tal como eu. Cerro uma mão, a sentir-me subitamente possessiva, apesar de já não poder reclamar aquele homem de forma alguma. Desisti disso. Sacrifiquei-o para me salvar.

Uma onda de melancolia abate-se sobre mim e digo a mim mesma que tenho de parar, parar, *parar*.

Fiz a coisa certa, tenho a certeza. E, seja como for, já não interessa. O passado acabou, raios partam. Preciso de me aguentar e avançar, como tenho feito ao longo de toda a minha vida chanfrada.

Inspiro profundamente uma e outra vez, obrigando-me a recuperar a compostura. Sou uma mulher de negócios com uma proposta lucrativa a apresentar. Não sou uma menina apaixonada a ficar com os joelhos trémulos por estar perto do homem ultrasexy do momento.

Sou capaz de fazer isto. Sou capaz de o abordar, de o cumprimentar, de lhe dizer que não vou aceitar que me descarte. Que já se passaram cinco anos, que somos dois adultos e que ele vai simplesmente ter de me ouvir.

Direita ao assunto. Direta. Franca.

Certo. Eu consigo. Não há qualquer problema.

Dou um passo na direção dele e depois outro.

Endireito os ombros e esboço o sorriso profissional que tenho aperfeiçoado ao longo de cinco anos a trabalhar para o CEO da Stark International.

Mantenho os olhos fixos no Jackson à medida que avanço para a escadaria, optando por uma rota que intersetará a dele assim que chegue ao piso do salão.

Ele não me vê — está concentradíssimo no homem a seu lado. Não ouço a conversa, mas as mãos dele mexem-se enquanto fala, pelo que percebo que estarão a falar de arquitetura. Sorrio com afeto, lembrando-me da forma como ele desenhava o contorno de um arranha-céus no ar e de como os seus dedos dançavam enquanto ele considerava fachadas e plantas, objetivos e planos.

O companheiro dele diz qualquer coisa e o Jackson ri-se, com a boca larga e sensual a curvar-se num sorriso que fica estático quando ele perscruta descontraidamente a multidão — e me vê.

Um calor desenfreado corre-lhe pela expressão, mas é extinto tão depressa que penso que o imaginei. Ao olhar para ele, já só vejo estoicismo inexpressivo. E, contudo, a sua intensidade permanece, a ilusão de movimento apesar de ele ter parado na escadaria.

O seu olhar está fixo no meu e eu também me imobilizo, não sou capaz de me mexer. Quase não sou capaz de respirar.

— Jackson — chamo-o, mas nem sei se disse o seu nome em voz alta ou se este simplesmente me preencheu, essencial como oxigénio.

Ficamos assim, com o tempo a passar e o mundo paralisado à nossa volta. Nenhum de nós se mexe, mas tenho a impressão de estar a revolver-me pelo espaço e a lançar-me na sua direção. Essa ilusão aterroriza-me, porque neste momento há duas coisas que sei — que quero desesperadamente voltar a estar nos seus braços e que morro de medo da colisão.

E então, subitamente, o mundo recomeça a girar. O seu olhar fixa o meu por mais uma fração de segundo e, nesses brevíssimos instantes antes de ele se virar, vejo um clarão de fúria fria e dura. Mas algo mais também. Algo que se assemelha a arrependimento a derreter sob o gelo.

Apercebo-me de que os meus membros vão voltar a funcionar e dou um passo na sua direção, sabendo que aqui está a minha oportunidade. Para o projeto — e para algo mais profundo em que não quero pensar, pois abrir essa porta assusta-me em demasia.

Mas isso não importa. Nem o meu medo, nem o projeto.

Porque o Jackson não volta a olhar para mim.

Em vez disso, passa mesmo a meu lado, sem nunca olhar para trás ou abrandar. E eu tenho de o ver passar, tão anónima como todas as outras mulheres que ali ficam a fitá-lo com anseio.

# ELE É O ÚNICO HOMEM QUE A FEZ SENTIR-SE VIVA. MAS TAMBÉM É AQUELE QUE A PODERÁ DESTRUIR.

«Encontrar Jackson Steele foi um choque para os meus sentidos. Confiante e autoritário, ele dominava qualquer sala em que entrasse... e qualquer mulher. E o Jackson queria-me. A mera visão dele roubava-me o fôlego e o seu toque fazia-me quebrar todas as minhas regras.»

Sylvia Brooks, assistente pessoal de Damien Stark, não vai deixar que nada nem ninguém atrapalhe o seu primeiro grande projeto imobiliário, mesmo que isso signifique ter de pedir ajuda ao homem que jurou nunca mais querer encontrar.

Jackson Steele tornou-se um dos mais famosos e desejados arquitetos, mas não consegue tirar Sylvia do pensamento, bem como o facto de ela o ter abandonado após um caso escaldante entre os dois. Magoado e com desejos de vingança, ele só aceitará ajudá-la com uma condição: tê-la na sua cama, possui-la por completo.

Determinada a fazer quase tudo por aquele projeto, que poderá ser decisivo para a sua carreira, Sylvia terá de decidir se arrisca os seus mais profundos e íntimos desejos, cedendo o controlo do seu corpo, e talvez até da sua alma, ao único homem que poderá significar a sua salvação — ou a sua perdição.

*Chama-me* é o primeiro livro de uma nova trilogia no excitante universo *Stark*, com novas personagens e uma nova história escaldante, da escritora que já conquistou milhares de fãs em Portugal.

## LEIA OS OUTROS SENSUAIS TÍTULOS DA AUTORA:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-61-3



9 789898 831613

Romance Erótico